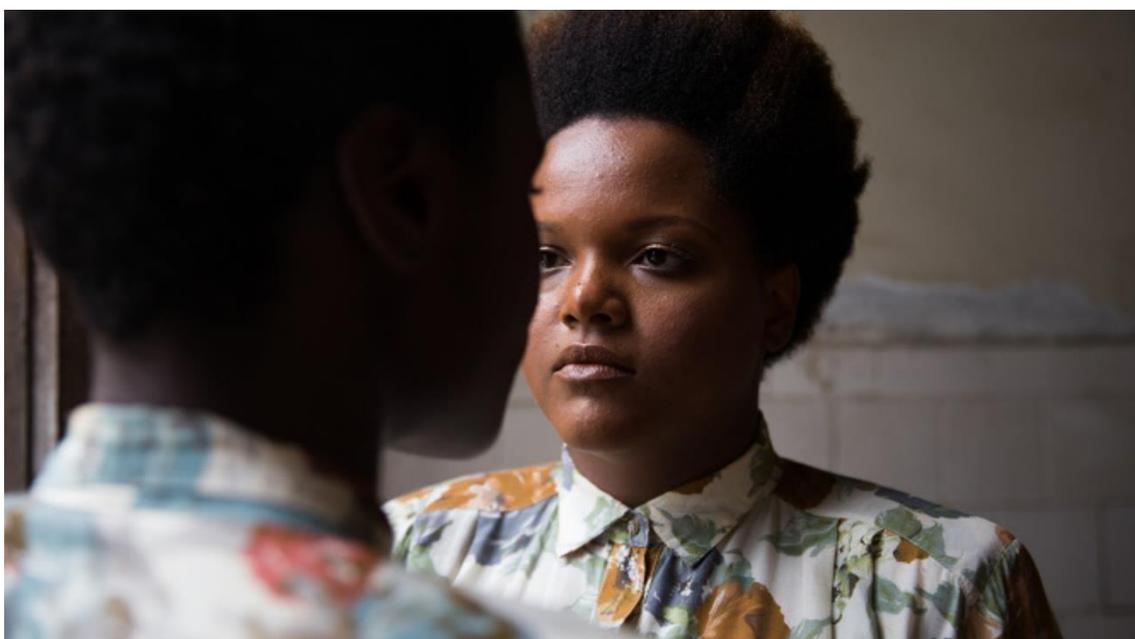


**COLUNA**

**CONTAS DE MISSANGA: LITERATURA E ARTES PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES**

**Alessandra Gomes da Silva**

**“Kbela” e a produção de jovens negras para jovens negras**



Cena de Kbela (2015). Foto: Divulgação

Para o primeiro texto escolhido, como possibilidade de inaugurar o diálogo proposto nessa coluna, voltamo-nos à produção “Kbela” (2015). A obra é um documentário curto, de caráter experimental, com aproximadamente 20 minutos, produzido por uma jovem negra chamada Yasmin Oliveira. Nele, a cineasta investe na discussão de um tema bastante caro também às jovens negras: a questão do cabelo crespo. Sabemos que o padrão normativo exerceu e ainda exerce uma grande influência nos corpos das mulheres negras que se veem obrigadas a seguir padrões de beleza que em nada consideram ou valorizam suas características físicas. Tudo isso, de certa forma, já vem sendo observado, discutido e, lentamente, modificado. Bonecas negras, com seus cabelos crespos, ganham espaço em lojas e comerciais. Produtos voltados para os cabelos especificamente de mulheres negras passam a ser mais difundidos.



Cena do documentário Kbela (2015). Foto: Divulgação.

O que “Kbela” (2015) consegue fazer é produzir um olhar poético para toda essa discussão tão exaustiva quanto necessária. É uma produção de uma mulher negra, oriunda de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, que consegue, a partir de uma linguagem

perfeitamente utilizada, uma forma consistente e criativa para abordar esteticamente esse tema. Isso porque subverte o modo como os assuntos ligados ao movimento negro vinham, mais comumente, sendo abordados em obras audiovisuais. Na proposta, não temos um documentário que segue uma linha mais tradicional, com entrevistas, narrações de histórias e paisagens reais, mais próximo de uma linguagem jornalística, por exemplo. O que vemos em “Kbela” (2015) é uma narrativa fragmentária e potente que utiliza recursos da dramaturgia para encenar o drama que a mulher negra experimenta, quase sempre, desde cedo, num caminho para tornar-se o que o padrão estético legítima, com um apagamento de suas características raciais, a partir do modo como deve usar seu cabelo. Isso é nítido nas primeiras cenas do filme quando há uma cabeça de uma jovem negra que tem seu cabelo alisado por uma outra mulher negra. Não vemos um corpo, há somente uma cabeça que, sem parecer ter algum tipo de opção, sente seu cabelo receber um produto químico que parece alterar sua estrutura, provocando o “alisamento”. Muitas mulheres negras devem conseguir identificar alguns dos produtos que estão sobre a bancada, amplamente, comercializados em nosso país.



Cena do documentário Kbelá (2015). Foto: Divulgação.

No meio da produção, vemos ainda uma performance de uma artista negra luso africana chamada Isabel Zua, que vai “desembranquecendo” o corpo da mulher negra. Nela, a mulher vai retirando uma tinta branca de seu corpo, o que poderia ser compreendido como uma metáfora do processo de “libertação” dos estereótipos que condicionam a construção identitária dessa mulher. Outro ponto marcante na obra é a cena em que uma mulher tenta passar o próprio cabelo em uma panela, transformando uma forma de insulto em imagem, demonstrando a violência que isso produz. A cena incomoda, desloca, dada a visão realista que possui, é literal. Voltamos a insistir que são imposições externas que as mulheres negras têm de lidar desde muito jovens e que são ressignificadas pelo trabalho de uma artista jovem negra, com outras artistas também negras.

Para finalizar nosso breve comentário sobre o filme, indicamos que, durante a produção, percebemos que a cabeça da mulher negra ganha corpo e que, aos poucos, ganha também a companhia de outras mulheres negras. Elas vão compondo suas vestimentas ao mesmo tempo que entoam cantos em favor desse novo reconhecimento, dessa nova percepção do seu cabelo e, conseqüentemente, do seu corpo. Assim, sabemos a importância da representatividade, da possibilidade de reconstruir esse aspecto da identidade negra, vista muitas vezes como um traço não desejado, mas que pode ser símbolo de uma reafirmação cultural. Por fim, indicamos que Yasmin Oliveira tem um trabalho bastante importante pela criação do projeto Afroflix, que busca dar visibilidade para realizadores negros. A cineasta explica, em entrevista, que a rede não é só para artistas negros, mas para a divulgação de novas narrativas que contenham, pelo menos, uma das áreas técnicas assinada por uma pessoa negra. Com isso, podemos destacar a busca por uma nova inserção negra no

audiovisual, fugindo dos estereótipos vinculados a esse grupo. Assim, a plataforma é gratuita e colaborativa, além de, por enquanto, hospedar apenas filmes brasileiros.

### Referências

BARBOSA, L. C. A construção identitária da mulher negra em Kbelá. Intercom – XIII Congresso de Ciências da comunicação na região sudeste. Belo Horizonte, 2018.

KBELÁ. Direção de Yasmin Thayná. Produção de Talita Arruda. Roteiro de Ana Paula Mansur. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://kbela.org/> Acessado em: 10/10/2019.

Afroflix. Disponível em: <http://www.afroflix.com.br/>. Acessado em: 13/10/2019.

### Alessandra Gomes da Silva



Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC - Rio. Tem mestrado pelo mesmo programa, com a dissertação "Por uma poética dos sentidos: a literatura no contexto da surdez" (2016). Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem interesse na interseção dos seguintes temas: acessibilidade e diversidade cultural, narrativas audiovisuais, leitura, literatura e surdez.